

# OLHAR TRANSATLÂNTICO

Para o correspondente da revista francesa *L'Express*, "em São Paulo – essa Nova York da América do Sul –, certas vidas parecem até roteiro de seriado americano"

Responsável pela cobertura da América Latina na revista francesa *L'Express*, Axel Gyldén é autor de um livro de história sobre o Brasil, *Le Roman de Rio* (O Romance do Rio), publicado em 2007. O jornalista, que viaja e escreve sobre o Brasil há 15 anos, conta para *Getulio* como os franceses vêem nosso país. E o faz em boa hora: em 2009 o Brasil comemora o Ano da França.

Por Axel Gyldén

A fascinação que o Brasil exerce sobre os viajantes europeus é facilmente explicável: é aquela do Velho Continente pelo Novo Mundo. País emergente, o Brasil é uma nação em mutação, onde a realidade social se transforma eternamente. Na Europa ocidental as estruturas socioeconômicas – herdadas da História – são solidamente estabelecidas. Elas parecem petrificadas, evoluem pouco, não geram surpresa nenhuma. Um provérbio resume perfeitamente a imobilidade da sociedade francesa e a impossibilidade de melhorar de condição de vida para uma classe social mais elevada: "O elevador social está quebrado".

Que enorme contraste entre o que se passa no Brasil, onde estive no último mês de setembro durante duas semanas! Não voltava ali há dois anos e encontrei um país diferente do que vi em 2006, o qual, por sua vez, não era o mesmo que havia conhecido no decorrer dos anos anteriores, desde minha primeira reportagem sobre estas terras em 1994. Daí o interesse desta última reportagem sobre a explosão da classe C, do aumento do crédito ao consumo e da diminuição da pobreza. Os leitores franceses aprenderam assim que, pela primeira vez na história brasileira, mais da metade da população (52%, segundo um estudo da FGV) pertence à classe média (C). E que, nos últimos anos, cerca de 20 milhões de pessoas (duas vezes a população de Portugal) saíram de condições miseráveis para integrar o mercado de consumo. Em suma, que o Brasil é agora um país menos desigual, menos injusto. Hoje em dia os franceses, que cresceram com a imagem de que o Brasil pertence ao Terceiro Mundo, percebem que essa visão, aprendida na escola, está cada vez mais ultrapassada.

## Confessamos: no decorrer da história da França, o episódio da "França Antártica" com Villegagnon no Rio de Janeiro não representa nem mesmo alguns segundos

Até poucos anos atrás, a imagem do Brasil se resumia a uma porção de clichês – que têm sua razão de ser – tais como o carnaval do Rio, a praia de Copacabana, futebol e samba, sensualidade, mistura racial. Mas as coisas mudam. Em 2005 o Ano do Brasil na França permitiu melhorar consideravelmente o conhecimento sobre o Brasil graças a dezenas de programas televisivos e centenas de artigos dedicados a este país durante aquele período, além de exposições, mostras, apresentação de artistas. Sem dúvida o Ano da França no Brasil, agora em 2009, permitirá, por sua vez, refinar a perspectiva brasileira sobre a realidade francesa.

### Alguns segundos no Novo Mundo

Hoje, um número crescente de franceses toma consciência de que, na América do Sul, um gigante chamado Brasil desperta. Daqui para a frente será um país visto como uma "Superpotência do Sul", não somente em razão da força de sua agricultura e de sua produção de minérios, mas igualmente pelo seu enorme potencial petrolífero, sua capacidade de pesquisa e produção industrial, em particular aeronáutica. No entanto, é preciso reconhecer: dentro do BRIC (Brasil, Rússia, Índia e China), o B é aquele sobre o qual o grande público é mais mal informado. É um paradoxo, dado que entre os países do BRIC o Brasil é a única nação de cultura latina com a qual, por definição, a França possui profunda afinidade.

Entretanto, esse relativo desconhecimento do Brasil se explica. Através dos séculos a política internacional da França esteve orientada para a Europa (Rússia inclusa), a África, o Oriente Médio e mesmo a Ásia, onde possuía colônias: Vietnam e Camboja, na Indochina, ou ainda a região de Pondichéry e Chandernagor, na Índia.

Para Paris, a América Latina só raramente (e de maneira pontual) representou uma prioridade na agenda de relações internacionais. Nós confessamos: no decorrer da longa história da França, o episódio da "França Antártica" com Villegagnon no Rio de Janeiro (1555-1565) ou o do cerco da baía de Guanabara e da pilhagem do Rio por Duguay-Trouin em 1711 não representam nem mesmo alguns segundos. Brasil e a América Latina não são, para a grande mídia francesa, uma prioridade editorial. A razão dessa negligência é simples e cínica: qualquer transtorno sociopolítico, mesmo importante, que aconteça no continente sul-americano, terá impacto geopolítico bastante limitado sobre a França, ao contrário, por exemplo, de acontecimentos da mesma dimensão que ocorram na África do Norte ou na Europa Central.

Outro fator explica o desconhecimento francês sobre a realidade brasileira: é o ensino, muito limitado (e opcional), da língua portuguesa na escola. Para comparar, o idioma espanhol é a segunda língua estrangeira mais ensinada nas escolas francesas, perdendo apenas para o inglês. Como resultado, é mais fácil para um francês mudar-se para Buenos Aires do que para São Paulo ou Rio de Janeiro. Essas razões explicam por que dom Pedro II ou Getulio Vargas não gozam de praticamente nenhuma notoriedade na França, malgrado a existência de um punhado de trabalhos históricos dedicados ao Brasil desde 2005 e do famoso Ano do Brasil, já mencionado aqui.

### País mestiço de apresentadoras suecas

Por fim, esse déficit de notoriedade se explica pelas dimensões gigantescas deste país, dezesseis vezes mais extenso que a França. O Brasil é de fato um país difícil de descrever, por ser imenso, complexo e deslumbrante. Diferentemente dos Estados Unidos, onde existe uma narrativa nacional da qual todos os americanos conhecem bem os parâmetros (a terra da liberdade, o sonho americano etc.), o Brasil possui uma história (melhor: várias histórias) muito mais contrastante. Os índios, a Amazônia, os mestiços do Nordeste, as indústrias de São Paulo ou ainda os gaúchos do Sul, cada um possui a sua própria visão das coisas. Esse é um dos problemas insolúveis para correspondentes e enviados especiais estrangeiros – que tentam fazer com que seus leitores ou telespectadores compreendam a realidade brasileira. A diversidade se recusa à simplificação e nós compreendemos a realidade de maneira diferente se estamos em Manaus, em Brasília ou no Rio de Janeiro. O único relato comum existente é aquele, já antigo, da suposta aliança das três raças. Porém, essa doutrina oficial está completamente obsoleta.

Notemos que os franceses que visitam Brasil ficam em geral surpresos (e decepcionados) ao descobrir que o mito do "país da mestiçagem", tal como eles o imaginavam, não corresponde à realidade cotidiana que encontram. Em geral a força do preconceito racial entre a elite branca (a qual, evidentemente, se defende dizendo que possui apenas "preconceitos sociais"; mas, afinal, que diferença faz?) provoca estupor e consternação. Na realidade, é infinitamente mais fácil ver casais mistos (negros com brancos) nas ruas de Paris do que no Rio de Janeiro. Para ter idéia do quanto o preconceito racial está profundamente incrustado no inconsciente coletivo do país "mestiço", basta passar um dia no mundo brasileiro da moda ou constatar que as apresentadoras de televisão brasileiras são mais louras que na Suécia. Esse problema ou esse detalhe é regularmente evocado nos artigos da imprensa francesa dedicados à Semana de Moda de São Paulo (ou SP Fashion Week).

Quanto a mim, me dei conta de como a abolição da escravidão era um acontecimento recente no dia em que uma senhora da "velha guarda" de uma escola de samba me disse que a avó dela – e ela a conheceu bem – nasceu antes de 1888, ou seja, numa época em que a escravidão ainda não tinha sido abolida! Eu falava, portanto, com alguém que conheceu pessoalmente um contemporâneo de dom Pedro II! Em suma, para um francês é como se a data da abolição fosse ontem de manhã. E, já que somente cinco ou seis gerações nos separam desse acontecimento histórico, não é de surpreender que os preconceitos raciais da época sejam transmitidos até nossos dias.





### Burguês inigualável, proletário inimaginável

De volta à imagem do Brasil na França, é inegável que o país suscita um interesse crescente. Isso se explica, é claro, pelo desempenho econômico e pela presença de investidores franceses, mas também pelo perfil de seus dois últimos presidentes da República. Francófilo e francófono, Fernando Henrique Cardoso era sem igual para encantar interlocutores franceses, fossem empresários, diplomatas ou jornalistas. No quesito sedução, ele é inigualável e assim permanece. O presidente Lula, por sua vez, se fez ver raramente, quase nunca, pela mídia francesa. Ao todo, concedeu apenas uma entrevista à mídia francesa desde sua primeira eleição, em 2002. No entanto, como em todo o mundo, seu perfil fascina. É preciso dizer que uma trajetória como a sua é inconcebível na França, onde a maior parte da classe política passou pela famosa ENA, a Escola Nacional de Administração criada pelo general De Gaulle. Sem sequer falar em presidente negro ou mestiço, é inimaginável que um antigo sindicalista ou mesmo um homem (ou mulher) nascido fora de um meio burguês consiga chegar, hoje em dia, ao topo do Estado francês.

## É mais fácil ver casais de negros com brancos em Paris do que no Rio. Para ter idéia do preconceito no país "mestiço", basta ver as louras apresentadoras da TV

Logo após o início de seu mandato, entretanto, o presidente Lula perdeu para o presidente venezuelano Hugo Chávez o primeiro lugar frente aos holofotes. Não apenas por este último se notabilizar na arte de fazer os outros falarem dele. Mas, principalmente, por corresponder, dentro do imaginário de certa parcela da esquerda francesa, à imagem fantasiada do revolucionário latino-americano. No entanto, há dois anos, em razão de seus excessos, a estrela do comandante Chávez enfraquece-se na cena midiática francesa. O presidente venezuelano não está mais na moda como já esteve. Devido a um efeito de empuxo, é agora Lula e o Brasil, cujos programas resultam em avanços econômicos e sociais concretos, especialmente no campo da luta contra a pobreza, que retêm a atenção da mídia francesa.

É certeza: no intervalo de alguns poucos anos o olhar dos franceses sobre o Brasil mudou. Há apenas uma década, não era raro ouvir diplomatas franceses fazerem piada ao repetir as expressões malvadas que o general De Gaulle teria dito sobre o Brasil. "O Brasil não é um país sério", teria afirmado o antigo chefe do Estado francês. Em outra circunstância, ele teria parafraseado Stefan Zweig, autor do livro *Brasil, País do Futuro*, ironizando: "O Brasil? Um país do futuro... e que permanecerá lá indefinidamente!" Sem dúvida esse olhar sobre o Brasil mudou: hoje, não passaria pela cabeça de ninguém fazer pelas costas piada sobre o Brasil, cujas reservas petrolíferas, se forem provadas, alcançarão um nível comparável às da Rússia e Venezuela. Em São Paulo, de onde dirige a agência de publicidade For Results, o diretor Frédéric Junck resume a visão geral dos franceses: "Quando cheguei aqui, há 20 anos, os franceses consideravam o Brasil como o maior dos países pobres. Há dez anos era o menor dos países ricos. Agora eles estimam que é talvez hora de integrá-lo ao grupo de países do G8. As coisas mudam rápido no Novo Mundo."

## 2009: Ano da França no Brasil

Nos dias 22 e 23 de dezembro próximos será oficialmente lançado, pelos presidentes Luiz Inácio Lula da Silva e Nicolas Sarkozy, o ano da França no Brasil. Na ocasião o presidente francês estará em visita a nosso país também para a solenidade. O evento foi organizado em resposta ao Ano do Brasil na França, que aconteceu em 2005 – e ambos têm como principal objetivo fortalecer a parceria estratégica entre os dois países.

As celebrações que marcarão o Ano da França no Brasil acontecerão de 21 de abril a 15 de novembro de 2009, proporcionando à França a oportunidade de apresentar, nas diversas regiões brasileiras, a sua diversidade cultural e seu estágio atual de desenvolvimento em diversas áreas do conhecimento. A implementação do Ano é resultado da cooperação entre agentes governamentais, setor privado, profissionais da cultura, artistas, intelectuais, pesquisadores, sociedade civil e mídia dos dois países.

A programação está sendo elaborada pelo comissariado francês e brasileiro, cujos presidentes são o diretor regional do SESC São Paulo, Danilo Santos de Miranda, e o embaixador e presidente do Grand Palais de Paris, Yves Edouard Saint-Geours. O França-Brasil 2009 ainda conta com a curadoria da diplomata francesa Anne Louyot. Para elaborar essa programação os comissariados terão por base três conceitos: a França de hoje, que abordará a criação contemporânea, a pesquisa e a inovação e o desenvolvimento sustentável; a França da diversidade, ressaltando a mestiçagem, a tradição, o patrimônio, a criatividade e a diversidade cultural francesa; e a França aberta, em busca de parcerias franco-brasileiras, e também com outros países do mundo, que devem inspirar os projetos, além de debates sobre os grandes temas da globalização.

Entre os projetos já chancelados pelos comissariados estão a exposição de Marc Chagal, no Museu de Arte de São Paulo (MASP), a Mostra 50 Anos de Cinema da África Francófona, na Aliança Francesa de Salvador, e o V Curso de Inverno de Direito Internacional de Belo Horizonte. Mas o destaque ficará por conta da exposição das obras de Henri Matisse, que acontecerá em São Paulo, na Pinacoteca do Estado. Será a primeira vez que um grande número de obras desse artista virá à América Latina.

*Gabriella de Lucca*